

NOVO PENTECOSTES PARA UMA IGREJA EM SAÍDA

“Todos ficaram cheios do Espírito Santo” (Atos 2,4).

Uma das importantes festas do Calendário Litúrgico se celebra cinquenta dias após o domingo da Páscoa. Falamos da Solenidade de Pentecostes, onde a Igreja recebe o Espírito Santo e se manifesta ao mundo, difundindo o Evangelho para todos os povos.

Evidentemente, que o Espírito Santo, como explica o decreto do Vaticano II *Ad Gentes*, mesmo antes da Ressurreição gloriosa do Cristo já estava atuando no mundo, todavia, no Pentecostes veio para ficar para sempre e, porque não dizer que o tempo da Igreja no mundo é o Tempo do Espírito Santo agindo na sua Santificação, pois, “é o Espírito Santo que sustenta a Igreja de todos os tempos” (AG, n. 04) tornando-a frutuosa nos ministérios, dons e carismas, enchendo o coração dos fiéis com o ardor missionário que vem do próprio Jesus, o enviado do Pai.

Podemos ainda dizer, citando a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco que “o Espírito Santo enriquece toda a Igreja evangelizadora também com diferentes carismas. São dons para renovar e edificar a Igreja” (EG, n. 130). E falando do aspecto comunitário e eclesial desses dons, que são dádivas do Espírito Santo e que não é um “patrimônio fechado, entregue a um grupo para que o guarde; mas são presentes do Espírito integrados no corpo eclesial, atraídos para o centro que é Cristo” (EG, n. 130), aprendemos então que os dons do Espírito devem ser para o bem de toda a comunidade e os carismas devem proporcionar uma autêntica vivência em comunidade, como ensina os Atos dos Apóstolos (4,32): “eram um só coração e uma só alma”. Contudo, essa ideia é bem explicitada na exortação do Papa quando diz que: “Um sinal claro da autenticidade de um carisma é a sua eclesialidade, a sua capacidade de se integrar harmoniosamente na vida do povo santo de Deus para o bem de todos” (EG, n.130).

Voltemos à origem da festa de Pentecostes, direcionando nossos olhos para o Antigo Testamento, onde se relacionava essa festa com as colheitas (Lv 23,15ss). Celebrava-se agradecendo a Deus pela colheita dos grãos, mas também, recorda o dia em que Moisés subiu ao monte e recebeu de Deus as Tábuas dos Mandamentos, a Lei de Deus (Ex 20). Nessa festa, Deus não deixava de olhar para a necessidade dos pobres e estrangeiros (Lv 23,22), por isso, era prescrito em sua Lei que não podia ser colhido todos os grãos e catadas todos as espigas, pois deveria ser deixado para os pobres e estrangeiros, com isso, Deus se revelava como o Senhor dos pobres e desvalidos.

São os pobres que aparecerão como os diletos do anúncio do Evangelho, quando Jesus na Sinagoga de Nazaré, com a unção do Espírito Santo disse que “o Senhor me enviou para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18). E como, posteriormente, veremos no grupo escolhido por Jesus e

estarão reunidos no dia de Pentecostes que são pessoas simples e pobres. É sobre eles que o Espírito Santo vem, ratificando a afirmação de que o Espírito Santo é o “Pai dos pobres”, conforme verso de um canto popular, muito cantado no dia de Pentecostes.

Mesmo desprovidos de uma capacidade intelectual ou do conhecimento das letras, a vinda do Espírito Santo impulsiona os discípulos a vencerem o medo e qualquer outra barreira e, a se revestirem de uma força missionária que os levavam a anunciar as maravilhas de Deus para todos os povos. O Espírito da verdade, promessa do Cristo, agora, os torna anunciadores da novidade do Reino de Deus: “Convertei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para o perdão dos vossos pecados. E recebereis o Dom do Espírito Santo” (At 2,38). Esse anúncio gerava um verdadeiro encantamento que levava aos interlocutores dos discípulos de Jesus a abraçarem a fé e seguir o Caminho.

Este mesmo encantamento de outrora, deve ser vivenciado, hoje, na missão da Igreja. Para isso, precisamos experimentar um novo Pentecostes ou um permanente Pentecostes, saindo de nossa tibieza pastoral e começarmos a enfrentar os desafios do tempo presente renovando a nossa esperança e alegria.

Por isso, se faz urgente o clamor da Igreja orante, pedindo o fogo do Espírito, renovando o ardor missionário para que o Evangelho seja anunciado e acolhido. Precisamos da novidade de Pentecostes para nos sentirmos discípulos-missionários de uma Igreja em Saída. É atual o apelo do Documento de Aparecida (n. 548) quando nos diz que “Necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo que tem preenchido nossas vidas de ‘sentido’, de verdade e de amor”.

Portanto, para que Pentecostes seja entendido, celebrado e vivenciado é preciso que estejamos abertos, sem reservas, para aquilo que o Espírito Santo deseja realizar por meio de nós, no mundo. E o Pentecostes, o derramamento do Espírito, se faz extremamente necessário, pois, ainda estamos em tempos de tanta frieza e acomodação, tantas desilusões, cansaços e descrenças. Precisamos ser conduzidos pelo Santo Espírito para anunciar as maravilhas de Deus, renovando nossa esperança no triunfo da vida. “É o Espírito Santo que nos dá força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente” (EG, n. 259). É isso que significa viver: um novo Pentecostes!

Pe. Sandro Giovani